

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Professor do Departamento de Filosofia / Universidade Estadual Paulista

ubirajara.rancan@gmail.com

artigo

Notas sobre a disciplina “história da filosofia” no Brasil

Situar o início do estudo rigoroso da filosofia no Brasil, em nível universitário, público e laico, ao longo dos anos 30 do século passado representa não somente a indicação de um ponto de referência cronológico para esse fato, mas, se se tiver em mente o papel desempenhado pelas chamadas “missões francesas” no domínio das ciências humanas e sociais em nosso país durante sobretudo os anos 1930 e 1940¹, esboçar também, ao menos, a presença do horizonte teórico e dos esquemas interpretativos característicos da chamada escola francesa de história da filosofia ou da historiografia filosófica francesa.

Embora a importância das “missões universitárias francesas” no Brasil seja mais bem conhecida por sua ação no período inaugural da Universidade de São Paulo [USP], a partir de janeiro de 1934, e no de desenvolvimento de vários de seus cursos [entre os quais o de filosofia, aqui exclusivamente considerado], essas mesmas “missões culturais” também estiveram presentes na Universidade de Porto Alegre, fundada em novembro de 1934², e na Universidade do Distrito Federal, fundada em abril de 1935³.

No caso do Curso de Filosofia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o ponto de vista histórico-filosófico tornar-se-ia seu traço distintivo por excelência, bem como, por conseguinte, o de parte

¹ Cf. LEFEBVRE, J.-P. “Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930”. In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, No. 38 (Apr. - Jun., 1993), p. 24-33.

² No campo da filosofia, a curta missão universitária francesa na Universidade de Porto Alegre parece não ter deixado nenhum traço considerável (cf. LEFEBVRE, J. *Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1933-1944)*. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*, 1990, no. 12. Disponível em: <<http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2010).

³ Extinta em 1939 (em razão de ação política da ditadura do Estado Novo), seus cursos foram transferidos para a Universidade do Brasil, fundada em 1937. Em 1950 ela seria refundada como Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

significativa da produção acadêmica levada a efeito no Departamento de Filosofia daquela mesma instituição. Recordar-se-á a propósito, em primeiro lugar, o ensinamento de Martial Guérout, que, por três vezes [em 1948, 1949 e 1951⁴], ministraria disciplinas regulares no Curso, e igualmente o de Victor Goldschmidt, que, lá tendo estado nos anos 50, seria como que para sempre lembrado, graças sobretudo a seu "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos". Originalmente uma comunicação apresentada pelo autor no XI Congresso Internacional de Filosofia, em Bruxelas, em 1953⁵, essa reflexão de Goldschmidt formava, segundo Oswaldo Porchat, junto a "O problema da legitimidade da história da filosofia" — artigo publicado por Guérout⁶ havia então três anos —, "os dois momentos mais altos da metodologia científica em história da filosofia".⁷ Mas, enquanto o texto de Goldschmidt passaria a ser lido como se fora um receituário, o de Guérout — um articulado conjunto de reflexões sobre o específico da história da filosofia e sua inseparabilidade do discurso filosófico, entremeado com uma crítica historiográfico-metodológica e metodológico-filosófica da história da filosofia —, embora igualmente traduzido para o português,⁸ permaneceria, decerto por sua complexidade intrínseca, praticamente ignorado de nosso estudante de filosofia.⁹

Na Capital Federal, por outro lado, Émile Bréhier, então com sessenta anos, nome já consagrado e bem mais conhecido do que os dos primeiros

⁴ Cf. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*. Secção de Publicações, 1953; I, p. 39: "Prof. contratado da cadeira de História da Filosofia de 15/7/ a 31/12/48; Prof. visitante da mesma cadeira de 1/8 a 30/11/49"; *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1951*. Secção de Publicações, 1953; p. 232: "Tivemos o prazer de receber, no 2o. semestre de 1951, mais uma visita do Prof. Martial Guérout, que, na ocasião, passava da Sorbonne, onde fora catedrático de História da Filosofia, ao Colégio de França, alto posto para o qual fora recentemente escolhido."

⁵ GOLDSCHMIDT, V. "Tems historique et tems logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques". In: *Actes du XIe Congrès international de philosophie* (Bruxelles). Amsterdam- Louvain: 1953; XII, p. 7-13.

⁶ GUÉROUT, M. "Le problème de la légitimité de l'histoire de la philosophie." In: *La philosophie de l'histoire de la philosophie*. Paris: J. Vrin, 1956.

⁷ Cf. PEREIRA, O. P. "Prefácio Introdutório". In: GOLDSCHMIDT, A Religião de Platão. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970; p. 6.

⁸ Cf. GUÉROUT, "O problema da legitimidade da História da Filosofia". Tradução de P. R. Moser. In: *Revista de História*; 37, 75, 1968, 189-211.

⁹ Merecerá registro a tradução brasileira do texto de Guérout ter sido publicada num periódico de história, não num de filosofia. Sendo pouco provável ter-se tratado de mera coincidência às avessas, o fato indicará a relativa pouca conta em que se tinha a investigação metafilosófica e meta-histórica de Guérout, o que, retrospectivamente, poderia ser visto como uma espécie de avaliação-matriz da atitude — doravante corrente — de muito filósofo pátrio, não só a propósito da historiografia da filosofia, mas da própria história da filosofia — que, assim, terá passado de um extremo a outro, de heroína a vilã.

responsáveis pelo Curso de Filosofia da USP [Étienne Borne e Jean Maugué], fora “encarregado do curso de História da Filosofia na Universidade do Distrito Federal”, cuja “[c]onferência inaugural, pronunciada na Escola de Belas-Artes, na quinta-feira 16 de abril [de 1936]”, não por acaso se intitulava: “A história da filosofia: sua natureza e seus métodos”.¹⁰ Segundo Bréhier, em anotação própria, “a Universidade do Brasil, se ela se realizar (pois ela encontra sérios obstáculos) terá, tanto quanto se pode presumir, um programa filosófico de inspiração francesa”.¹¹

Todavia, a despeito da presença e das previsões do historiador da filosofia francês, os estudos filosóficos na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, até ao menos os anos 60, estiveram a serviço da formação espiritual, não exatamente do interesse científico estrito. Tal significava, por todo esse período, a realização de estudos que favorecessem ou que ao menos não ameaçassem o pensamento católico, e também o positivista, nos anos 30, ambos, então, pragmaticamente reunidos sob a égide getulista. É assim que, por exemplo, à época de nova arregimentação de professores franceses, especulou-se que “o envio do Professor Henri Gouhier [ao Brasil] não seria conveniente, porque ele escreveu livros contra Auguste Comte, num país em que ‘o positivismo é um partido (...)’”.¹² Mas o nome de Gouhier seria enfim proposto e muito bem aceito por Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, espécie de reitor oficioso da Universidade do Brasil. O próprio candidato, porém, desconhecendo-se como tal, acabaria por recusar a indicação.¹³ Embora assim, estimava-se que, uma vez no Brasil, Gouhier “dar[ia] ao conjunto dos cursos de filosofia toda a

¹⁰ Cf. BRÉHIER, É. “L’histoire de la philosophie: sa nature et ses méthodes”. Conférence inaugurale prononcée à l’École des Beaux-Arts, le jeudi 16 Avril, par le Professeur Émile Bréhier, chargé du cours d’Histoire de la Philosophie à l’Université du District Fédéral. In: *Lições Inaugurais da Missão Universitária Francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937.

¹¹ AJ-16, vol. no. 6964, Document dactylographié “Sur mon enseignement de la philosophie à l’Université du Rio de Janeiro en 1936”, Émile Bréhier, 1936 apud SUPPO, H. R. *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Thèse pour obtenir le grade de Docteur de l’Université Paris III. Directeur de Thèse: Guy Martinière. Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. Institut des Hautes Études d’Amérique Latine (IHEAL),?; vol. 1, ?, n. 793. Disponível em: <http://tede.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=194>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2010. Tratando-se aí, em verdade, da Universidade do Distrito Federal, não, portanto, da Universidade do Brasil, os “sérios obstáculos” aos quais faz referência Bréhier devem reportar-nos às vésperas da ditadura-Vargas e do Estado Novo.

¹² SUPPO, op. cit. Para a citação interna, cf. DUMAS, G. CADN, SO 1932-40, DG Brésil, vol. no. 444, Lettre manuscrite, [Georges] Dumas à “Cher ami”, Lédignan, 20 avril 1939 apud SUPPO, op. cit., p. ?, n. 847. Sobre o positivismo à época no Brasil, Bréhier diria: “O positivismo existe ainda em algumas pessoas somente como uma tradição de família, à qual se está ligado mais afetivamente do que intelectualmente” (AN, AJ-16, vol. no. 6964. Note dactylographiée “Sur mon enseignement de la philosophie à l’Université de Rio de Janeiro en 1936”, Émile Bréhier, Paris, nov. 1936” apud SUPPO, op. cit., p. ?, n. 197).

¹³ Cf. CADN, SO 1932-40, Brésil-USP, vol. no. 444, Lettre sans no., J. Marx à Professeur Gouhier, Paris, 09 mai 1939, et réponse de 09 mai 1939 apud SUPPO, op. cit., p. ?, n. 868 ; ibid., p. ?, n. 899).

homogeneidade desejável, no sentido ultracatólico, bem entendido".¹⁴

Já a partir dos anos 50 teria início o ciclo de viagens de complementação de estudos que vários dos recém-formados filósofos *uspianos* cumpririam na França — entre eles: José Arthur Giannotti, Ruy Fausto, Oswaldo Porchat, Bento Prado Jr. Em tal circunstância, evidente que não houve acaso na escolha do país de destino, mas um aprofundamento natural dos laços de família há duas décadas contraídos, a despeito de a consolidação do Departamento de Filosofia ter-se dado ao mesmo tempo em que se ampliavam na França [e em boa parte da Europa] as questões sobre a história e a historiografia da filosofia, sem que, porém, um tal debate frutificasse por aqui.

De outra parte, não obstante essas primeiras incursões na matriz, será principalmente a partir dos anos 70 que as "missões estrangeiras" serão efetivamente contrabalançadas por autênticas *re-missões* nacionais ao exterior. Nesse novo momento, a presença externa no ensino e na pesquisa filosófica no Brasil seria aos poucos modificada, não só por conta de uma diversificação de metodologia e especialidades, mas em função do grau de desenvolvimento intelectual e filosófico já alcançado por nós e por meio da autorreflexão em marcha. Em consequência dessa maioridade intelectual em escala profissional, portanto, vários jovens professores e investigadores brasileiros [de São Paulo, sim, mas também de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro] fariam estudos e teses de doutorado na Alemanha, na Bélgica, na Itália, nos Estados Unidos, na França. Essas viagens representavam, então, o quadro geral e sistemático de uma verdadeira e aos poucos generalizada emancipação, cujos frutos são ainda hoje colhidos.

*

Em 1948, quando Guérout esteve pela primeira vez no Brasil e em São Paulo, Lívio Teixeira, professor no Curso de Filosofia da USP, em discurso como paraninfo da turma desse mesmo ano, afirmava:

Na Europa, a atmosfera densa de cultura amadurecida e espírito crítico constitui um corretivo natural que impede as fantasias e o palavreiro incongruente, que não raro se encontra em nossos jornais e revistas com pretensões a Filosofia. Ademais, há o senso histórico,

¹⁴ CADN, SO 1932-40, Brésil-USP, vol. no. 444, Lettre sans no., Gueyraud à Marx, Rio de Janeiro, 06 janvier 1940 *apud* SUPPO, op. cit., p. ?, n. 913.

sempre presente, a estabelecer a relatividade de todos os sistemas.¹⁵

O termo positivo na comparação traçada por Lívio decerto não encontrava amparo bastante na realidade, sendo em especial prejudicado pela história europeia então ainda por demais recente. Em todo o caso, bem mais do que o escrúpulo analítico a propósito de fatos que verdadeiramente embasassem a alusão a uma “cultura amadurecida” e a um “espírito crítico” em vigor na Europa, o que aí importava, diagnosticado o problema — o bacharelismo local prevalente —, era a adoção de um antídoto — de eficácia duradoura — que de pronto o repelisse.

Implantado o modelo, viria depois a consolidação, elevando qualidades que breve se tornariam uma segunda natureza no ofício de pensar, justamente com Guérout e a mais recente “tecnologia dos sistemas filosóficos”.¹⁶ Por conseguinte, “a História da Filosofia nos ensinará algumas lições básicas que devem ser tidas como iniciação ao estudo de todas as outras disciplinas filosóficas”.¹⁷ O “espírito crítico”, ainda por estabelecer-se, seria introduzido pelo rigor metodológico de uma abordagem histórica. Com isso, na “Faculdade de Filosofia”, “não somente a história da filosofia é estudada para a certificação desse nome, mas todas as matérias filosóficas são tratadas de um ponto de vista essencialmente histórico.”¹⁸

Todavia, pouco depois da última estada de Guérout na Faculdade, em 1953,

considerando que os cursos monográficos instituídos na secção de Filosofia pelos professores franceses e conservados até o presente como uma espécie de tradição, pois inegavelmente são os que mais se prestam a um desenvolvimento de nível universitário, apresentam, contudo, a desvantagem de não oferecerem aos alunos uma visão de conjunto da História da Filosofia, resolveu-se organizar para os próximos anos, a título de

¹⁵ Cf. TEIXEIRA, L. “Discurso do Professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948”. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*. Secção de Publicações, 1953; I, p. 292. Cf. COSTA, J. C. “Discurso do Professor João Cruz Costa, paraninfo da turma de 1949”. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*, Volume I. Secção de Publicações, 1953; p. 304: “Graças à utilíssima influência dos mestres que haviam feito sua formação intelectual em centros onde a cultura universitária possui uma história e conta uma profunda e larga tradição, lentamente (...) mudar-se-ia a atitude de alguns jovens brasileiros, em face dos problemas culturais”.

¹⁶ Como se sabe, a disciplina ministrada por Guérout no *Collège de France* atendia pelo nome de “Cátedra de história e tecnologia dos sistemas filosóficos”.

¹⁷ Cf. “Discurso do Professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948”, ed. cit., p. 292.

¹⁸ Cf. TEIXEIRA, “Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil”. In: *Études sur l'histoire de la philosophie en hommage a Martial Guérout*. Paris: Fischbacher, 1964; p. 209.

experiência, um programa que compreendesse os principais aspectos da Filosofia ocidental, até o século XVIII, e que deverá ser realizado em dois anos, ou mesmo mais, se for necessário. Isso, sem prejuízo dos cursos monográficos, dos quais cada turma deverá seguir pelo menos um, no conjunto de seus estudos¹⁹.

Em 1964, quando o Curso contava trinta anos, assim notava o mesmo Lívio Teixeira: "Nosso problema [...] não é tanto o de saber como a filosofia pode haver-se perante sua própria história, mas o de melhor conhecer a própria história da filosofia e usá-la como um elemento de algum modo pedagógico para nossa formação filosófica."²⁰

Embora tais palavras tivessem sido publicadas num livro em homenagem a Guérout, ao enfatizar o papel formador da história da filosofia [e, pois, o de quem com ela se ocupava], pondo de lado o viés especulativo com o qual se lhe quisesse considerar, tais palavras distinguem implicitamente entre um Guérout-comentador e um Guérout-teórico da história e da historiografia da filosofia, optando claramente pelo primeiro, cujos trabalhos, assim, concorriam em prol de nossa formação.

Mas a argumentação em favor de uma história da filosofia propedeuticamente concebida é estranha e oposta à de Guérout. Nem atenção curricular provisória, nem recurso metodológico à mão, mas interdependência radical, fato incontestado cuja legitimidade se trata de estabelecer. Se se nota em Guérout a diferenciação entre o historiador da filosofia e o filósofo, tal não anula nem sequer enfraquece a intimidade originária entre história [da filosofia] e filosofia, cristalizada na expressão "historiadores-filósofos":

A história da filosofia na França, de Victor Cousin aos nossos dias, oferece uma grande variedade de escolas e tendências. Ela desenvolve-se gradualmente para depois resultar, no século XX, numa incomparável floração de historiadores-filósofos, que combinam em seus trabalhos a mais alta preocupação pela objetividade histórica com a pesquisa filosófica em profundidade.²¹

Por outro lado, no mesmo ano da publicação do artigo de Guérout acima lembrado, Jean-Toussaint Desanti, em *Introdução à história da*

¹⁹ *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo)* - 1952. Secção de Publicações, 1954; p. 247 ("XI. Atividades das Cadeiras e Departamentos. - Cadeira de História da Filosofia").

²⁰ TEIXEIRA, L. "Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil". In: *Études sur l'histoire de la philosophie en hommage à Martial Guérout*. Paris: Fischbacher, 1964; p. 209.

²¹ GUÉROUT, *Histoire de l'histoire de la philosophie* (I/3). Paris: Aubier, 1988; p. 737.

*filosofia*²², descrevia uma abordagem marxista dessa mesma disciplina. Para ele, os estudos de história da filosofia, desde o início do século, confundem-se numa diversidade de tendências,²³ constituindo um tipo de leitura, que, assentado no pretense absoluto subjetivismo criador de toda doutrina, inviabiliza a historicidade da história da filosofia: "A história é [...] 'posta entre parênteses'. A filosofia é privada de seu solo nutricional, posto que cada consciência filosófica é um começo absoluto e que só se a pode compreender sendo como ela, tornando-se uma 'consciência filosófica' absoluta".²⁴ Subjetivismo da criação, subjetivismo interpretativo, a história da filosofia devém um impressionismo falseador.²⁵ Mas há também "algumas 'escolas' respeitáveis",²⁶ embora impotentes diante da diversidade impressionista;²⁷ entre elas, a chamada "escola histórica", proponente do "método histórico e crítico"²⁸ praticado por Victor Delbos, Victor Brochard, Georges Rodier, Bréhier, Guérout.²⁹ Desanti compreende haver três maneiras de praticar esse método, numa distinção [de antemão] eficaz porque reveladora da insuficiência de cada uma e da própria concepção histórico-crítica em geral. Modalidades insuficientes, etapas necessárias. Sim: porque é preciso ater-se ao "conteúdo literal das doutrinas", desdobrando suas "relações internas" e sua "arquitetura".³⁰ A diferença que seria pouco depois operada por Goldschmidt entre o "lógico" e o "genético" é aqui anulada, não mais representando alternativas estanques, mas momentos conexos cuja distinção é provisória e cujo sentido só se alcança com sua unificação.³¹

Por fim, "é preciso [...] apreender como os conceitos herdados do passado foram transformados ao ponto de aparecer na própria forma que lhes deu o pensador, religados uns aos outros por relações explicitadas que esse pensador conscientemente definiu".³² É assim que "o caráter específico do método marxista

²² DESANTI, J.-T. *Introduction à l'histoire de la philosophie*. Paris: Nouvelle Critique, 1956.

²³ Id., *ibid.*, p. 23.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 26.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 29-30.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 28.

²⁷ Id., *ibid.*

²⁸ Id., *ibid.*, p. 34-5.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 35.

³⁰ Id., *ibid.*, p. 90.

³¹ Id., *ibid.*, p. 92-3.

³² Id., *ibid.*, p. 94.

em história da filosofia [...] permite compreender como as atitudes do pensador individual são, ao mesmo tempo, necessárias, apresentando com isso um caráter de universalidade."³³ Percebe-se então que o segundo momento, semelhante ao método "genético" descrito por Goldschmidt, é o que de pronto afasta a tonalidade subjetivista da historiografia tradicional. O fundo histórico [e coletivo] das doutrinas filosóficas é a matéria arquetonicamente encadeada pelo filósofo individual. Se para Guérout o histórico opõe-se ao filosófico,³⁴ temporal a eterno, para Desanti ele é o próprio quinhão de realidade do sistema, que ao historiador da filosofia cabe sempre revelar.

A historiografia reclamada por Desanti não vem em detrimento da outra parte dessa expressão, a filosofia, mas se aplica a ela sem lhe ferir a especificidade. Trata-se de relação entre camadas, cujos diferentes níveis de sedimentação concorrem para o estabelecimento do terreno comum. O que se quer é a salvaguarda de uma multiplicidade principal e a fixação da metodologia que demonstre a complexidade resultante. A unidade lógico-arquitetônica do discurso filosófico é apenas uma estrutura [a epiderme de um tecido mais fundo] em meio a outras, com as quais necessariamente interage.

Contudo, pela familiaridade adquirida com os procedimentos de leitura estabelecidos, exemplificados e praticados *in loco* por Guérout e Goldschmidt — cuja conveniência terá sido unanimemente decantada, ao menos naqueles anos de formação, do Curso e dos que o consolidariam —, o procedimento de interpretação marxista das obras filosóficas, tampouco ele frutificaria entre nós. Como se sabe, o que por aqui vingava — exemplo-limite de adesão generalizada à técnica de leitura de texto de inspiração guéroutiano-goldschmidtiana — era uma "explicação de texto" d'O Capital, proposta, entre outros, por Giannotti,³⁵ num primeiro resultado do cruzamento de interesse filosófico em gestação e diretriz metodológica em curso, no qual se encontravam Guérout e Marx, estrutura e gênese: "Minha intenção é subordinar o livro à mesma técnica de interpretação dos textos filosóficos, indo pacientemente em busca das intenções que levaram o filósofo a estruturar a obra de uma dada maneira [...]".³⁶ Propunha-se uma "análise estrutural do [...] trabalho

³³ Id., *ibid.*

³⁴ Cf. GUÉROUT, *Philosophie de l'histoire de la philosophie*. Paris: Aubier, 1979; p. 30-42.

³⁵ Cf. GIANNOTTI, J. A. "Notas para uma análise metodológica de 'O Capital'". In: Revista Brasileira; 29, 1960, p. 63: "(...) pela própria natureza de meu trabalho fora do grupo, fiquei encarregado da parte metodológica"; ARANTES, P. "Falsa consciência como força produtiva". In: id., *Um departamento francês de ultramar*. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994, p. 241-3; SCHWARZ, R. "Um seminário de Marx". In: Folha de S. Paulo; Domingo, 8 de outubro de 1995, p. 5 - 4-7.

³⁶ Cf. GIANNOTTI, "Notas para uma análise metodológica de 'O Capital'", ed. cit., p. 63. Notar-se-á o modo determinativo como Giannotti refere-se à lição estrutural: não uma entre outras, mas "a" técnica.

sem dúvida o mais importante [de Marx], 'O Capital', a fim de extrairmos da própria obra efetuada os processos metodológicos que levaram à sua realização". Da mesma forma: "Ao ler este autor, a toda hora estamos correndo o risco de aplicar ao seu pensamento conceitos de conotação não-marxista, violentando o sentido original de certas passagens, separando cada categoria da constelação que a define [...]". E, ainda: "[...] o livro [...] possui uma arquitetura rigorosa e monumental, porque certos capítulos são compostos de tal forma, que ao serem postos a nu os elos de sua articulação, proporcionam-nos conhecimentos sobre o método, muito mais ricos do que todos aqueles explicitamente enunciados pelo autor".³⁷

Ainda por essa época, o historiador da filosofia português Vasco de Magalhães Vilhena, em meio às polêmicas sobre a filosofia e sua história, escreve: "Se se toma por testemunha o número, que, a partir de há pouco, cada dia aumenta, de trabalhos consagrados aos problemas de historiografia filosófica, não se pode duvidar de que a compreensão histórica da filosofia é um dos problemas que dominam a situação filosófica atual".³⁸ Contudo, por uma compreensível [e benéfica, àquela hora] inversão de procedimento, não só em 1948,³⁹ mesmo dezesseis anos⁴⁰ depois, Lívio Teixeira, na contramão de um esforço que já vinha tomando corpo na Europa filosófica, reafirma o interesse capital pela história da filosofia, não talvez por ter em vista o suposto desinteresse da própria questão, mas por estar cioso da necessidade de consolidar uma disciplina que expurgasse nossa vocação filoneísta.⁴¹ Terá sido por isso que, com Guérout e Goldschmidt, o que devia importar era a conquista assegurada do "senso histórico" — que a cada dia parecia mais certo —, não já o exame da metodologia empregue, que, se praticado, corresponderia de algum modo a pôr em xeque o que punha em dia.

*

O conhecimento da história da filosofia entre nós, realçado por uma convivência universitária com quem então melhor representava o padrão adotado, deu-se, pois, por meio da obra de Guérout e Goldschmidt, de cujo aprendizado resultou uma formação filosófica, acadêmica e intelectual

³⁷ Cf. GIANNOTTI, "Notas para uma análise metodológica de 'O Capital'", ed. cit., p. 62-63.

³⁸ VILHENA, V. de M. "Filosofia e história". In: *Panorama do pensamento filosófico*. Lisboa: Cosmos, 1956; p. 6.

³⁹ Cf. TEIXEIRA, "Discurso do Professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*, Volume I. Seção de Publicações, 1953; p. 292.

⁴⁰ Cf. id., "Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil". In: *Études sur l'histoire de la philosophie en hommage à Martial Guérout*. Paris: Fischbacher, 1964; p. 209.

⁴¹ Cf. id., *ibid.*, p. 206-8.

verdadeiramente rigorosa, disciplinadora e rica, embora, claro, tão doutrinalmente parcial quanto qualquer outra que se lhe quisesse opor.

Atitude meritória e mesmo indispensável, a obtenção de "senso histórico" e "espírito crítico" por meio da institucionalização de uma prática curricular específica terá sido, contudo, um tipo de *licença histórica* a cujos indiscutíveis dividendos somar-se-ão prejuízos inevitáveis. Afinal, desejando-se, ao que parece, bem mais do que um tecnólogo dos sistemas filosóficos, seria mesmo improvável alcançar-se o pensador maduro por meio da simples multiplicação indefinida de uma técnica de leitura.

Referências bibliográficas⁴²

ALMEIDA PRADO, A. [discurso pronunciado a 25 de Janeiro de 1937 como Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, por ocasião da solenidade de formatura da primeira turma de licenciados da mesma]. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1936*. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunaes", 1937

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1934-1935. S. Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunaes", 1937

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1936. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunaes", 1937

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949. Secção de Publicações, 1953; Volume I

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1951. Secção de Publicações, 1953

____ *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1952*. Secção de Publicações, 1954

⁴² Não se pretende aqui oferecer bibliografia exaustiva sobre o tema "história da filosofia no Brasil" [ou mesmo em São Paulo], mas um simples conjunto de indicações – salvo engano valiosas – ao leitor que porventura se interesse pelo assunto.

ARANTES, P. E. *Um departamento francês de ultramar*. Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (Uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994

BRÉHIER, É. *La philosophie et son passé*. Paris: P.U.F., 1950

____ "L'histoire de la philosophie: sa nature et ses méthodes". Conférence inaugurale prononcée à l'École des Beaux-Arts, le jeudi 16 Avril, par le Professeur Émile Bréhier, chargé du cours d'Histoire de la Philosophie à l'Université du District Fédéral. In: *Lições Inaugurais da Missão Universitária Francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937

COSTA, J. C. "Discurso do Professor João Cruz Costa, paraninfo da turma de 1949". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*. Secção de Publicações, 1953; Volume I

____ [discurso pronunciado a 25 de Janeiro de 1937 como Orador da primeira turma de formandos da "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras" da *Universidade de São Paulo*]. In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - 1936*. São Paulo: Empreza Gráfica da "Revista dos Tribunaes", 1937

____ *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956

DESANTI, J.-T. *Introduction à l'histoire de la philosophie*. Paris: Nouvelle Critique, 1956

GIANNOTTI, J. A. "Filosofia para todos, em particular para Rodrigo". In: *CADERNOS PUC*, no.1 - Março de 1980

____ "Um livro polêmico". In: *Novos Estudos*; no. 39; Julho de 1994; p. 243-250

____ "Notas para uma análise metodológica de 'O Capital'". In: *Revista Brasileira*; no. 29, 1960

____ "Sobre o trabalho teórico" [entrevista]. In: *TRANS/FORM/AÇÃO*. Revista de Filosofia; no. 1, 1974

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

GOLDSCHMIDT, V. "La dianoématique". In: id., *Écrits*. Paris: J. Vrin, 1984

____ "Temps historique et temps logique dans l'interprétation des systèmes philosophiques". In: *Actes du XIe Congrès international de philosophie* (Bruxelles). Amsterdam-Louvain: 1953; XII, p. 7-13

____ "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos". In: id., *A Religião de Platão*. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970

GOUHIER, H. *L'histoire et sa philosophie*. Paris: J. Vrin, 1952

GUÉROULT, M. "Émile Bréhier". In: *Revista Brasileira de Filosofia*; II, 1952

____ *Histoire de l'histoire de la philosophie*. Paris: Aubier, 1988

____ *Philosophie de l'histoire de la philosophie*. Paris: Aubier, 1979

____ "Le problème de la légitimité de l'histoire de la philosophie". In: *La philosophie de l'histoire de la philosophie*. Paris: J. Vrin, 1956

____ "O problema da legitimidade da História da Filosofia". In: *Revista de História*; 37, 75, 1968, p. 189-211

HAMBURGER, A. I. et alii [orgs.]. *A ciência nas relações Brasil-França [1850-1950]*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1986

LEFEBVRE, J.-P. "Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930". In: *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, No. 38 (Apr. - Jun., 1993), p. 24-33

LEFEBVRE, J. *Les professeurs français des missions universitaires au Brésil (1933-1944)*. In: *Cahiers du Brésil Contemporain*, 1990, no. 12. Disponível em: <<http://www.revues.msh-paris.fr/vernumpub/8-J.P%20Lefebvre.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2010

____ *Lições Inaugurais da Missão Universitária Francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937

MARQUES, U. R. de A. *A escola francesa de historiografia da filosofia*. Notas históricas e elementos de formação. São Paulo: Editora UNESP, 2008

MAUGÜÉ, J. "O ensino da filosofia. Suas directrizes". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras -1934-1935*. S. Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunaes", 1937

MELLO E SOUZA, A. C. de. "Discurso do Professor Antônio Cândido de Mello e Souza, paraninfo da turma de 1947". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*. Secção de Publicações, 1953; Volume I

____ "Sobre o trabalho teórico" [entrevista]. In: *TRANS/FORM/AÇÃO*. Revista de Filosofia; no. 1, 1974

MESQUITA FILHO, J. "Discurso do Dr. Júlio Mesquita Filho, paraninfo da turma de 1945". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) - 1939-1949*. Secção de Publicações, 1953; Volume I

MOURA, C. A. R. de. "História *stultitiae* e história *sapientiae*". In: *Discurso* - Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP. São Paulo: Polis, 1988; vol.17, p. 151-171

PEREIRA, O. P. et al. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981

____ "Prefácio Introdutório". In: GOLDSCHMIDT, *A Religião de Platão*. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970

____ *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2007

PETITJEAN, P. "As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo [1934-1940]". In: HAMBURGER, A. I. et alii [orgs.]. *A ciência nas relações Brasil-França [1850-1950]*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1986; p. 259-330

PRADO Jr., B. "As filosofias da Maria Antônia (1956-1959) na memória de um ex-aluno". In: *maria antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988

SUPPO, H. R. *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Thèse pour obtenir le grade de Docteur de l'Université Paris III. Directeur de Thèse: Guy Martinière. Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. Institut des Hautes Études d'Amérique Latine (IHEAL), ?; vol. 1, ? Disponível em: <http://tede.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=194>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2010

SCHWARZ, R. "Um seminário de Marx". In: *Folha de S. Paulo*; Domingo, 8 de outubro de 1995, p. 5 – 4-7

TEIXEIRA, L. "Discurso do Professor Lívio Teixeira, paraninfo da turma de 1948". In: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) – 1939-1949*. Seção de Publicações, 1953; Volume I

____ "Quelques considérations sur la philosophie et l'étude de l'histoire de la philosophie au Brésil". In: *Études sur l'histoire de la philosophie en hommage a Martial Guérault*. Paris: Fischbacher, 1964

VILHENA, V. de M. "Filosofia e história". In: *Panorama do pensamento filosófico*. Lisboa: Cosmos, 1956